

Aborto: a favor ou contra? Uma visão psicanalítica

Juliana Côrte Vitória¹

Resumo: Neste trabalho nos propomos a pensar sobre os efeitos psíquicos do aborto na mulher que teve esta vivência e a importância do modelo mental do analista como facilitador do trabalho de luto e de integração psíquica dessa experiência.

Palavras-chave: Aborto. Luto. Melancolia. Modelo mental do analista.

“No que me diz respeito, coloco-me ao lado daqueles para quem não há, a priori, nem culpa nem virtude, nem coragem nem covardia no fato de desejar abortar, tanto quanto no fato de desejar levar a termo uma gravidez incontestada, quer ela tenha sido desejada conscientemente ou não antes da concepção. Não sei a que título eu diria de alguém — que se acha numa situação que não posso julgar — que procede bem ou mal em imaginar, em fantasmizar, em desejar um aborto ou um nascimento futuro, pois nesse momento trata-se sempre de um fantasma ou de um projeto. Sei que uma gravidez é alguma coisa importante quando é pensada, refletida, sonhada, esperada, aguardada, tanto para uma mulher quanto para seu parceiro no amor ou para seu cônjuge na vida social, quer ele saiba quer não, porque os seres humanos estão em comunicação uns com os outros através de uma intuição que nem sempre atinge o nível da sua consciência clara”.

Françoise Dolto, 1984.

¹ Psicóloga, Psicanalista, membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

O aborto é um tema que resulta em calorosos debates, gerando polêmica ainda nos dias atuais. Com certa frequência, situações trágicas ganham notoriedade e levam a sociedade a discutir acerca desse tema, que é tão comum quanto solitário e silencioso.

Uma saída bastante frequente é uma tendência a dicotomias entre ser a favor ou contra o aborto, inclusive no meio psicanalítico. No entanto, confiamos fortemente em um modelo mental que não buscaria defender esta ou aquela posição em um assunto tão profundamente complexo, mas sim nos convidaria a transitar em pontes fortes o suficiente para suportar os conflitos gerados quando se atravessa essa questão que parece ser em certa medida irresolvível, já que cada mulher terá de encontrar o seu caminho e sustentar internamente sua escolha. Saídas simplistas para questões complexas não costumam gerar bons frutos, e aqui parece que se trata especialmente de poder recuperar a capacidade de fertilizar, uma aposta na capacidade de gerar vida ao sustentar as tensões causadas pelo trabalho de luto pelas mortes que nos cabe viver.

A discussão sobre a descriminalização parece merecer um debate amplo, principalmente por gerar efeitos muito negativos e sérios riscos para a saúde da mulher. E também consideramos que um aborto feito na ilegalidade, tanto para a mulher quanto para o médico (ou aquele que realizar o aborto), tem implicações psíquicas muito importantes. Mas aqui não pretendo seguir essa linha de reflexão. Parece-me que, para além dos efeitos que a ilegalidade desperta e intensifica, a integração dessa experiência, que tem toda a intensidade de um evento traumático, costuma ser bastante trabalhosa para as mulheres que viveram um ou mais abortos. Assim eu escuto as mulheres que tenho a oportunidade de analisar e que viveram, cada uma a seu modo, esta experiência. E é sobre este aspecto que pretendo me debruçar neste trabalho: os efeitos psíquicos na mulher que teve essa vivência e a fundamental importância do modelo mental do analista na integração dessa experiência.

Há uma grande e interminável discussão a respeito de quando se inicia a vida e este é um dos motores, me parece, das tão diversas posições possíveis de serem habitadas nesta discussão. Também se argumenta que à mulher caberia um direito inalienável às decisões referentes ao seu corpo, e aí se incluiria também a gestação. É neste gap impossível de preencher de certezas que se dá a tensão que gera esse debate que inclui argumentações jurídico filosóficas: qual direito deveria prevalecer, o do embrião ou feto sobre sua vida ou o da mulher sobre seu corpo? Quando aqui me refiro a um debate, entendo-o tanto no âmbito jurídico, filosófico, social e da cultura, quanto, e principalmente, a um debate interno, e muitas vezes interminável, que tem como produto um intenso sentimento

de culpa que impede muitas vias nas quais o desejo poderia se expressar, tendo como efeito principal uma inibição muito importante da capacidade criativa, amorosa e do sentimento de estar vivo.

Cabe aqui também apontarmos para o quanto, desde os princípios, é absolutamente impossível discriminarmos um do outro, mãe-bebê, numa linguagem Winnicottiana, o eu e o outro. Existe uma zona entre dois em que não nos é permitido demarcar uma separação de existências com clareza, nos constituímos a partir do outro, nascemos de dentro de um outro. Assim, ponderar sobre o seguimento ou não de uma gestação, se coloca como uma questão de vida ou de morte, nos impondo que, quando não escolhermos a vida, a escolha se dá pela morte. Pode soar forte, mas essa é simplesmente uma verdade e, como toda verdade, merece seu espaço de fala. A escolha pelo silêncio cobra preços caros demais e a morte pode ter muitos destinos para aqueles que seguem vivos, desde um trabalho de luto bem-sucedido, a saídas melancólicas, passando por reatividades maníacas.

Decidir descontinuar uma gestação, portanto, é um modo de falar que a um filho não se dará o direito de nascer. Este, no meu entendimento, é o motivo de o tema ser um tabu, pois é impossível determinar uma linha que separe e garanta exatamente até onde podemos pisar sem adentrar em terreno filicida. Também por isso, a vivência do aborto, geralmente, tem efeitos na relação do casal (quando se dá neste tipo de vínculo), conduzindo algumas vezes ao término da relação, ou, em outras vezes, permanecendo como uma vivência compartilhada no terreno do segredo em uma espécie de parceiros de um crime. Aqui, penso que cabe também pensarmos sobre um certo discurso que estimula que essa decisão seja somente da mulher, excluindo o homem dessa questão. Sob um olhar superficial, poderíamos ver nisso a defesa da primazia do direito da mulher sobre esse tema, entretanto, penso que aí se estimula uma posição infantilizada do homem em deixar o peso dessa responsabilidade unicamente sobre os ombros da mulher. Evidentemente, não estou dizendo que ao homem caberia deliberar sobre essa decisão, mas sim assumir responsabilmente um compromisso com qualquer que seja a decisão *junto* à mulher. Uma gestação é produto de dois, não é possível autoengendrar-se.

Os efeitos sobre o significado do relacionamento com os pais da mulher também podem aparecer na medida em que se pode viver essa situação como a realização de uma fantasia de retaliação via corpo e sua capacidade reprodutiva, intensificando os sentimentos de destrutividade e de ressentimento entre mães e filhas e incrementando o sentimento de culpa aos desejos edípicos e incestuosos, o que dificulta a dissolução do complexo de Édipo.

Algumas vinhetas clínicas

Depois de longos anos de análise em alta frequência, a paciente A chega e diz: *Sabe Juliana, eu quero falar sobre uma coisa que pensei estes dias e me parece muito importante. Fiquei pensando se existe ligação entre o aborto que fiz na adolescência e o meu trabalho, mais especificamente em relação a todos os projetos que crio e acabo não realizando... São muitos... Como filhos que não posso ter, repetidos abortos que vou provocando naquilo que poderia nascer de mim.*

A, como muitas mulheres, teve uma gestação na adolescência e, muito rapidamente, junto à família, tomou a decisão de abortar. Por muito tempo em sua análise A referia ter se sentido julgada e condenada pelo o que fez (tanto por ter se tornado público entre a família o início de sua vida sexual quanto pela realização do aborto), crime e castigo. Por um tempo, a fala de A sobre esse acontecimento percorria tal caminho, como se buscasse uma autorização externa ao aborto cometido, na esperança de assim poder enterrar essa história. Com o tempo, começamos a abrir brechas nessa vivência, tentando transitar pelas (des)memórias de como foi para A ter habitado a experiência do aborto. Frente a muitas lacunas de amnésia, como quem entra na casa de sua infância já em ruínas, A começa a relembrar momentos dos dias vividos dessa gestação, que foi descoberta logo no atraso menstrual e que culminaria em um aborto em aproximadamente vinte dias. Dias nos quais, segundo ela, nunca mais havia pensado desde então. Surge uma pergunta que A não sabe como responder ao lembrar da primeira consulta ao médico que iria realizar o aborto, durante a ecografia: terei escutado o coração bater?

Concomitantemente, em minha clínica, está outra mulher que acabara de sofrer um aborto espontâneo de gestação desejada.

É impossível não escutar que, ao descreverem suas vivências, ambas as analisandas dizem terem se sentido arrasadas, invadidas, vazias e com muito temor de não poderem ter mais filhos. Aqui, cabe ressaltar que a palavra filho, na minha experiência clínica, aparece tanto falada por mulheres que tiveram abortos espontâneos de gestações desejadas, quanto por mulheres que optaram pela realização do aborto em gestações não desejadas. Pergunto-me o porquê de ambas sentirem coisas semelhantes se em um caso a gestação fora desejada e em outro, não.

A partir disso, nascem outras perguntas: em que momento o fruto de uma relação se torna filho? Quando uma mulher reconhece que o bebê em seu ventre é seu filho? Quando alguém se torna filho e quando alguém se torna mãe?

Recordo também da mãe de um paciente criança que já havia realizado mais de cinco abortos na sua vida adulta. Mulher inteligente, com boas condições

financeiras e acesso ao conhecimento e a meios necessários para poder utilizar algum modo de evitar gravidezes indesejadas. Contudo, algo nela a impelia a repetir essa experiência. Compulsão à repetição na sua expressão pura. Entretanto, penso que também estava presente no desejo inconsciente de engravidar novamente, que insistia em reaparecer após os abortos realizados, uma certa esperança de verificar se ainda seria possível gerar frutos em seu ventre, o que se seguia de mais um aborto realizado sem nenhum tipo de pensamento reflexivo sobre o significado disso que se repetia em sua vida.

Também não é incomum o fantasma do filho que foi abortado permanecer muito vivo e presente nos devaneios daquela mulher que, ao longo da vida, mantém uma ligação imaginária com *aquele filho que hoje teria tantos anos... Como seria se eu não tivesse abortado...* Ainda observamos interpretações a infortúnios da vida ligadas a estar sendo punida pelo que fez, não raro presentificado no temor de que algo aconteça aos filhos que vieram a nascer. A expressão dessas fantasias comumente aparece em sonhos, primeiro encenados em sonhos de angústia e que, em um segundo momento, quando favorecido o movimento em relação ao trabalho de elaboração, podem ir se transformando ao criar novos caminhos para representar essa vivência.

Detive-me a colocar vinhetas clínicas que são tão comuns que possivelmente muitos colegas as identifiquem em sua clínica e entendo que, assim, não incorro em risco de romper a privacidade de pacientes por serem fenômenos que com muita frequência são observados.

Luto e melancolia

Freud, no trabalho *Luto e melancolia*, questiona em que consiste então o trabalho que o luto realiza. Para fins de diálogo com a temática que abordo aqui, faço um breve apanhado sobre os caminhos do processo de luto e os caminhos que conduzem a melancolia.

Diz Freud que

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. (1917/1996a, p. 275)

Nesse sentido, assim que a realidade revela que o objeto amado não mais existe, passa a exigir que a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto. Esse processo inclui um hiperinvestimento em cada uma das lembranças, que gradualmente vai cedendo até que um desligamento da libido possa se realizar

em relação a cada uma delas. Nesse momento, Freud se pergunta por que tal processo é tão penoso e diz que isso não é simples de se explicar em termos de economia, entretanto, é fato que, uma vez que o trabalho de luto se conclua, o ego fica livre e desimpedido. Nasio (1997), em *O livro da dor e do amor*, ao retomar essa questão, vai salientar a ideia freudiana de que o que dói no trabalho de luto não é separar-se do objeto perdido, e sim apegar-se mais do que nunca a ele durante o processo de hiperinvestimento. Já a melancolia traria um elemento relacionado a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual não haveria algo de inconsciente em relação à perda. Assim, no luto, o mundo é que fica pobre e vazio, enquanto na melancolia é o próprio ego quem empobrece (Freud 1917/1996a).

A melancolia, portanto, toma emprestado do luto alguns dos seus traços e, do processo de regressão, desde a escolha objetual narcisista para o narcisismo, os outros. É por um lado, como o luto, uma reação à perda real de um objeto amado; mas, acima de tudo isso, é assinalada por uma determinante que se acha ausente no luto normal ou que, se estiver presente, transforma este em luto patológico. A perda de um objeto amoroso constitui excelente oportunidade para que a ambivalência nas relações amorosas se faça efetiva e manifesta. Onde existe uma disposição para a neurose obsessiva, o conflito devido à ambivalência empresta um cunho patológico ao luto, forçando-o a expressar-se sob forma de autorrecriação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto amado, isto é, que ela a desejou. . . . Na melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão, em sua maior parte, além do caso nítido de uma perda por morte, incluindo as situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento, que podem trazer para a relação sentimentos opostos de amor e ódio, ou reforçar uma ambivalência já existente. Esse conflito devido à ambivalência, que por vezes surge mais de experiências reais, por vezes mais de fatores constitucionais, não deve ser desprezado entre as condições da melancolia. Se o amor pelo objeto - um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja — se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento. (p. 284)

O luto, portanto, seria o processo através do qual podemos voltar a amar e podemos voltar a amar viver depois de ter amado e não poder seguir com esse amor. Aqui compreendemos o amor como aquilo que nos liga ao objeto, parece importante, entretanto, lembrar que não podemos eleger aquilo que vamos amar, não se trata de uma escolha consciente que estaria ao nosso alcance fazer. O amor também nos atravessa e tem suas raízes em processos que são inconscientes. Assim, neste ponto, podemos pensar que em uma gestação, seja ela desejada ou não, não podemos ter certeza sobre qual representação terá aquele filho naquele momento para aquela mulher, venha ele a nascer ou não. E também não podemos legislar sobre as representações inconscientes que a

mulher terá sobre si mesma ao viver uma gestação que não seguirá. Não somos senhores em nossa própria morada. Já o ódio, como nos coloca Freud, parece ter um papel fundamental na identificação melancólica, tendo a desconsideração, o desprezo ou o desapontamento como traços reativos a um objeto que invade, ocupa, se impõe sem ter sido suficientemente amado.

Aborto, um acontecimento

Talvez um dos grandes temores que nos afligem, senão o maior, seja o de que nossos aspectos destrutivos se sobreponham aos amorosos e reparadores, e é possível que, por isso, seja comum que nós mulheres nos perguntemos se não desejamos o bastante aquela gestação ou se somos incapazes de sermos mães quando sofremos um aborto espontâneo. E também por isso a importância de falar o quanto for preciso, como a sola de um sapato que se gasta de tanto caminhar, para decantar as marcas que ficaram naquela mulher que decidiu realizar um aborto, seja por qual motivo essa decisão tenha se dado.

Mesmo em uma gestação não desejada, é muito difícil ignorar que uma vida pulsa dentro de si. É claro que muitas são as representações possíveis para ela. Desde a criança maravilhosa até a aterrorizante, citando Leclair (1975). E isso se deve a questões circunstanciais ligadas ao tipo de relação que gerou essa gravidez, ao momento da vida em que ela se deu e também a subjetividade da mulher. Entretanto, independentemente das circunstâncias, parece fundamental escutar cada mulher que não pode suportar a sua gravidez, pois há aí a presença de um enorme sentimento inconsciente de culpa, não só de estar grávida como também de recusar a gravidez, como nos aponta Dolto.

Os atravessamentos no corpo da mulher, corpo sexuado, erógeno, cheio de representações, também são intensos e de difícil elaboração. Não é qualquer coisa assimilar ter um embrião ou feto se desenvolvendo em seu útero, fruto de alguma relação, ter consciência de que está grávida, dormir e acordar com um barulho desses, pensar, repensar e acabar por decidir por um aborto, passar por uma intervenção na qual o útero é mexido, invadido, o embrião ou feto e todo ambiente interno uterino será retirado, restando dor, sangramento por alguns dias e, geralmente, muito silêncio sobre tudo isso. O que resta em cada mulher que faz essa travessia? Que mulher morre e que mulher nasce nessa operação? E, principalmente, como tornar também fértil essa vivência?

Aqui, penso na importância do lugar do analista como aquele que pode ser capaz de contemplar com profundidade o trágico² e também a beleza da vida,

² Trágico, aqui, é mencionado no sentido figurado daquilo que traz a morte ou desventuras; calamitoso, sinistro, funesto.

sem incorrer em tentadoras posições dogmáticas a favor ou contra disso ou aquilo, pois, assim, estaríamos agindo, mesmo sem querer, a favor da repressão de emoções que precisam ser sentidas, nomeadas e sustentadas para serem elaboradas. “A mente instintivamente recua de algo que é penoso”, nos alerta Freud (1916/1996b, p. 346), e é nosso trabalho renunciar a esse recuo, pois confiamos que sentir com profundidade a complexidade das emoções nos liberta de cair na melancolia ou em posições maníacas, ambas empobrecedoras de nossa capacidade de viver. E isso se faz possível quando podemos falar com a liberdade que somente temos em um terreno de confiança naquele que nos escuta, recuperando a capacidade de apostar que o desejo pelo encontro com o outro dará bons frutos, erotizando novamente as relações. Assim, entendemos que um aborto também pode gerar fecundidade e servir a ligações de vida àqueles que tiveram essa vivência.

Um analista pode ser muito bom e bem intencionado, mas se suas posições mentais impuserem mais um silenciamento ao analisando, ele estará tamponando a sua escuta e impedindo o trânsito que se necessita fazer para atravessar junto o *trabalhoso* trabalho de luto. Se viver, no sentido mais fértil da palavra, está visceralmente ligado a uma certa demanda contínua de nossa capacidade de fazer lutos, o analista funcionaria como uma espécie de guardião favorecedor dessa condição de elaborar os lutos que a vida exige. Luto pelo que sofremos, pelo que fizemos, pelo que somos ou fomos. Não é demérito a ninguém poder sentir pesar pelo que viveu, foi, fez ou desejou. E isso não significa arrepende-se. Se amigar com a tristeza, pois somos seres muito frágeis e falhos, diferentemente do que gostaríamos de ser em nossos ideais. E também se amigar com a alegria novamente, com a alegria de estar vivo.

Ao viver um aborto, por mais que se decida conscientemente fazê-lo, não se trataria de voltar a um momento anterior na vida onde essa gestação não havia acontecido ainda. Isso não é possível. Um acontecimento não *desacontece*, não importa o que se faça. Entendo que nomear as fantasias e falar o tanto necessário até que não sejam mais fantasmas abre condições para que se possa sair da identificação com a sombra do objeto, não somente elaborando a vivência em si, mas sobretudo a morte daquela que se foi, que se transformou, já é outra a partir dessa experiência. Esvaziar a penitência da culpa sem ser reativa, pois essa pareceria ser uma das vivências no campo do trágico da vida, onde não haveria o que se comemorar, mas sim uma vivência a qual com respeito — por si mesmo e por quem não pode estar entre nós — pode-se acolher. Um respeito com a vida, com seus limites e com o que conseguimos fazer com ela. E um certo respeito com a morte.

Abortion: for or against? A psychoanalytic view

Abstract: This paper aims to discuss the psychic effects of abortion at woman who had this experience and the importance of the analyst mental model as a facilitator of the work of mourning and psychic integration of this experience.

Keywords: Abortion. Analyst mental model. Melancholy. Mourning.

Referências

Dolto, F. (1984). *Sexualidade feminina*. São Paulo: Martins Fontes.

Freud, S. (1996a). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996b). Sobre a transitoriedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)

Leclair, S. (1975). *Mata-se uma criança*. Rio de Janeiro: Zahar.

Nasio, J.-D (1997). *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 16/08/2022

Aceito em: 31/08/2022

Juliana Côrte Vitória
Rua Tenente Coronel Fabrício Pilar, 55 / 407
90670-120 – Porto Alegre - RS
E-mail: jucvitoria@yahoo.com.br